

## A VIOLAÇÃO DO CORPO FEMININO NAS NARRATIVAS MITOLÓGICAS DE MEDUSA E FILOMELA

Viviane Moraes de Caldas<sup>1</sup> (PPGLE-UFCG)

**RESUMO:** A violação do corpo das personagens femininas míticas Medusa e Filomela são o retrato da violência sofrida pelas mulheres não apenas na sociedade greco-romana da época de Ovídio, e até mesmo anteriormente a ele, assim como na contemporaneidade. Podemos compreender que esse tipo de violência está diretamente atrelado ao sexismo, e à questão de gênero, que colocam as mulheres em uma posição de subalternidade e submissão. Outra questão não menos importante é a reificação do corpo das mulheres que também contribui para que elas sofram algum tipo de abuso, uma vez que a nossa sociedade patriarcal percebe as mulheres como coisas, como objetos. Pensando nisso, nosso artigo tem como objetivo analisar as narrativas mitológicas de Medusa e Filomela a partir das discussões sobre gênero e sua relação com a violência sexual praticada contra as mulheres, voltando nosso olhar contemporâneo para o passado de modo que possamos discutir temas importantes para nós na atualidade.

**Palavras-chave:** Mitologia. Violência sexual. Gênero. Medusa. Filomela.

### THE VIOLATION OF THE FEMALE BODY IN THE MYTHOLOGICAL NARRATIVES OF MEDUSA AND PHILOMELA

**ABSTRACT:** The violation of the bodies of the female mythical characters Medusa and Philomela are the representation of the violence suffered by women not only in the Greco-Roman society during Ovid's period, but even before this time, as well as in the contemporary times. We can understand that this type of violence is directly tied to sexism, and to the gender issue, which place women in a position of subalternity and submission. Another no less important issue is the reification of women's bodies, which also contributes for them to suffer any kind of abuse, once our patriarchal society sees women as things, like objects. Thinking about this, our article aims to analyze the mythological narratives of Medusa and Philomela from the discussions about gender and its relation with the sexual violence perpetrated against women, turning our contemporary perspective to the past in a way that we can discuss issues that are relevant for us nowadays.

**Keywords:** Mythology. Sexual violence. Gender. Medusa. Philomela.

#### Considerações iniciais

Entende-se por mitos as diversas narrativas que circulavam na sociedade antiga, isto é, as narrativas mitológicas que envolviam as famílias dos deuses e sua genealogia, e muitas

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras (PPGL/UFPB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG). Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) "Mitos, Mulheres e Deusas" (MiMuDe). Endereço eletrônico: viviane.moraes@professor.ufcg.edu.br

aventuras heroicas, por exemplo. Essas estórias faziam parte, primeiramente, de uma tradição oral que era passada de geração em geração, sobretudo pelas mulheres (Vernant, 2006). Essas narrativas mitológicas possuíam uma importância significativa para a sociedade antiga greco-romana, principalmente porque carregavam em si conhecimentos essenciais sobre os costumes, sobre religião, sobre história, por exemplo, se perpetuaram por muitas gerações e foram, sobretudo, utilizadas como *Leitmotiv* em obras literárias da antiguidade clássica, muitas das quais chegaram até nós.

É comum a todo ser humano a busca por conceitos que expliquem determinados termos, ou que auxiliem na compreensão deles. Às vezes, conhecer o significado de uma palavra é importante e pode ajudar na compreensão de seu sentido e uso. É natural também a busca por conhecer a origem das coisas e saber por qual motivo elas foram criadas. O que significaria, então, o mito? Na busca pelo sentido etimológico do termo, algumas são as possibilidades de se compreender o que o vocábulo abarca:  $\mu\theta\acute{\epsilon}\omega$  (*mythéo*) apresenta vários significados, por exemplo, ‘falar’, ‘narrar’, ‘conversar’, ‘refletir’, ‘contar’ – todas as significações se encontram no campo semântico da oralidade que pressupõe um sujeito que fala/narra/conta uma estória e um ouvinte.

Mafra (2010, p. 34) esclarece que podemos compreender o mito como “uma revelação de um acontecimento pela palavra.” As acepções do verbo ‘mythéo’ como ‘narrar’, ‘falar’, ‘conversar’, nos remetem primeiramente à tradição oral familiar, através da qual as narrativas eram difundidas. Em um momento posterior, essas narrativas passam a ser cantadas pelos poetas com o auxílio de um instrumento; elas deixam, pois, o ambiente doméstico e são levadas ao público que participa de banquetes, festas oficiais, grandes concursos e jogos. De acordo com Vernant (2006, p. 16), não se tratava apenas de divertimento, mas de “uma verdadeira instituição que serve de memória social, de instrumento de conservação e comunicação do saber, cujo papel é decisivo”. Ou seja, três termos fundamentais – ‘memória’, ‘conservação’ e ‘comunicação do saber’ – que fizeram com que essas narrativas cantadas nos momentos de diversão popular fossem difundidas e pudessem mostrar a organização do mundo grego antigo. Além disso, através delas, os homens tinham a possibilidade de se colocar diante dos deuses imortais, reconhecendo-se como seres mortais.

Dessa forma, podemos considerar o mito como um modo de significação (Barthes, 2009) que está imbuído do sagrado e tem como fundamento a narrativa da criação, cujos personagens são Entes Sobrenaturais (Eliade, 2011). Somado a isso, utilizando as palavras de

Brandão (2010, p. 38), ressaltamos que o mito “expressa a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações.” Ressaltemos, portanto, essas três características essenciais do mito: ‘memória’, ‘conservação’ e ‘comunicação do saber’. Podemos compreender, então, que o mito apresenta como uma de suas funções preservar uma ‘memória primordial’, isto é, aquela que se refere não só aos “eventos primordiais (cosmogonia, teogonia, genealogia)”, assim como à “memória das existências anteriores, ou seja, dos eventos históricos e pessoais.” (Eliade, 2011, p. 110). Outra função a ele atribuída seria a de servir ao homem como modelo exemplar de todos os seus atos, uma vez que “os mitos lhe asseguram que tudo o que ele faz ou pretende fazer, *já foi feito* no princípio dos Tempos, *in illo tempore.*”, isto é, “eles constituem, portanto, a súmula do conhecimento útil.” (Eliade, 2011, pp. 111-112). Além disso, por meio dos mitos tem-se o conhecimento sobre determinados fatos sociais de um povo, ou seja, acontecimentos do cotidiano, comportamentos, crenças, experiências e saberes outros comunicados por meio das narrativas mitológicas. Nesse sentido, Massey (1989) afirma que os homens aprendiam a ler e a recitar os poemas homéricos que retratavam, por meio de muitas narrativas, como os homens e as mulheres deveriam se comportar na sociedade. Ou seja, as narrativas mitológicas não serviam apenas de modelo para o comportamento de homens e mulheres, assim como retratavam a relação entre ambos. Por exemplo, Beard (2018), ao citar o Canto I da *Odisseia*, em que Penélope é silenciada por seu filho Telêmaco, nos esclarece que, na visão de Homero, o homem desde sempre deve aprender a silenciar uma mulher. Aprende-se esse comportamento por meio de uma narrativa que é, portanto, ensinado, difundido, e perpetuado, de geração em geração, colocando o homem em uma posição de superioridade e a mulher de submissão, gerando, dessa forma, questões importantes de desigualdade de gêneros cujas consequências estão diretamente ligadas à violência contra as mulheres.

Tendo em vista a importância das narrativas mitológicas para os antigos e a sua influência no tocante aos ensinamentos significativos acerca da sociedade greco-romana, nos propomos a refletir, nesse artigo, acerca de uma questão importante para nós atualmente que ocorre desde tempos muito remotos: a violação do corpo feminino, o estupro. Muitas são as narrativas em que se pode perceber esse tipo de violência contra as mulheres<sup>2</sup> – nas

---

<sup>2</sup> Georg Doblhofer, no livro *Vergewaltigung in der Antike [Estupro na Antiguidade]*, dedica o capítulo quatro *Vergewaltigung im Mythos [Estupro no mito]* para refletir sobre os casos de estupro nos mitos, elencando vários episódios de violação do corpo feminino.

*Metamorfoses*, de Ovídio, por exemplo, há um número expressivo de episódios em que uma mulher sofre algum tipo de violência<sup>3</sup>. Reservamos para a nossa discussão duas narrativas mitológicas, nas quais duas personagens femininas sofrem a violação de seu corpo: Medusa estuprada por Netuno/Poseidon, e Filomela estuprada por Tereu. Duas histórias que ocorreram em tempos remotos, mas que estão, de certa maneira, tão próximas da nossa realidade, do nosso cotidiano, e cuja leitura nos afeta de alguma forma.

Compreendemos que essas narrativas foram escritas séculos atrás e retratam um momento da sociedade greco-romana que nem sequer imaginava tratar de temas como sexismo, equidade de gênero, reificação do corpo feminino, ou quaisquer outras questões relacionadas a essa temática que estão na ordem do dia na contemporaneidade. Muitos até falam em anacronismo quando analisamos essas narrativas com o nosso olhar atual, partindo de conhecimentos modernos acerca da violência contra as mulheres e sua relação direta com a questão de gênero, com o patriarcado, e com o machismo de cada dia. Mas qual olhar poderíamos lançar ao passado senão o nosso dos tempos modernos com todo o conhecimento que temos hoje?<sup>4</sup> Não é porque esses conceitos não eram discutidos, na Antiguidade, que a violência contra as mulheres não existia, muito pelo contrário, ela sempre existiu – vemos isso em vários textos literários e históricos –, e se perpetuou até os dias de hoje, não apenas nos textos como relíquias do passado, assim como na realidade cruel de muitas mulheres. Saffioti (2015, p. 18) é muito clara e objetiva ao definir violência e não só concordamos com ela, assim como trazemos aqui *ipsis verbis* a sua definição: “trata-se da violência como ruptura de

---

<sup>3</sup> O resultado do mapeamento da nossa pesquisa PIBIC 2020/2021 UFCG/CNPq, *Vidas violentadas: um estudo sobre o feminino nas Metamorfoses de Ovídio*, gerou os seguintes dados: identificamos 54 (cinquenta e quatro) narrativas mitológicas que apresentavam um ou mais tipos de violência contra uma personagem feminina. Como podem aparecer, em uma mesma narrativa, mais de um tipo de violência contra as mulheres, totalizam 67 (sessenta e sete) o número de violências identificadas na obra *Metamorfoses*. Desse total, dividimos e classificamos esses abusos da seguinte forma: 23 (vinte e três) casos de violência sexual, 26 (vinte e seis) casos de violência física e 18 (dezoito) casos de violência psicológica. As pesquisas PIBIC 2021/2022 e PIBIC 2022/2023 UFCG/CNPq, *Vidas violentadas: um estudo sobre a violência sexual nas Metamorfoses de Ovídio*, tiveram como objetivo a análise dos episódios mitológicos que apresentavam violência sexual contra as personagens femininas.

<sup>4</sup> Percebo que muitos pesquisadores que tratam sobre gênero, sexualidade, ou violência contra as mulheres na Antiguidade, precisam, antes de desenvolver a sua pesquisa, se justificar ou se defender previamente. Apresento, aqui, as palavras de Lourdes Feitosa, historiadora brasileira, a respeito dessa questão: “A partir dessa nova percepção de temporalidade, isto é, o passado pensado a partir de motivações do presente, um segundo ponto coloca-se como crucial para a compreensão de temas da Antiguidade, que é a questão da representação do passado como instrumento de poder. Isso significa que a escolha do assunto a ser analisado não é aleatória e as idéias apresentadas sobre esse passado não são neutras, mas indicam escolhas políticas – mesmo que o pesquisador não tenha consciência disso – que são utilizadas para justificar ou discutir uma dada situação do presente. Assim, uma análise do passado envolve, intrinsecamente, uma reflexão sobre a atualidade daquele que produz o texto e possibilita questionar as razões que induzem as conotações construídas sobre esse passado.” (Feitosa, 2008, p. 122).

qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral.” Faz-se necessário salientar que nosso objetivo não é colocar nem os autores nem os abusadores no banco dos réus, mas apenas trazer à tona essas narrativas de violação do corpo feminino de modo que, a partir do texto literário, possamos discutir sobre gênero, sexismo, estupro, dentre outras questões importantes que estão ligadas à violência contra as mulheres que nos aterroriza cotidianamente. O que parece estar distante está, na verdade, muito próximo de todes nós.

### **O papel feminino na Antiguidade Clássica greco-romana**

O que conhecemos sobre a relação homem-mulher, nas sociedades antigas romana ou grega, por exemplo, nos foi retratado por autores homens da época, ou seja, eles nos apresentam a sua impressão acerca dessa relação e não o que dizem as mulheres sobre ela. Isso ocorre porque eram os homens que escreviam<sup>5</sup> (Woolf, 2014; Cixous, 2022); às mulheres estava reservado o lugar do silêncio; e a voz das mulheres nas obras era fruto da imaginação masculina.

Conhecer o papel feminino numa sociedade patriarcal é de suma importância, uma vez que é sua posição na sociedade que determina não apenas as condições de vida das mulheres, mas, sobretudo, a subordinação e os abusos praticados contra elas. As mulheres eram classificadas de acordo com a sua posição social: podiam ser mulheres livres e escravas, cidadãs e não-cidadãs, da classe superior e inferior (Massey, 1989). Dependendo da classe a que pertencia, a mulher exercia um papel distinto. De maneira geral, não tinha voz na sociedade patriarcal; sua vida, desde sempre, estava centrada no serviço doméstico e de cuidado da família e do lar, tendo como tarefa principal o tear<sup>6</sup>. Desde a infância era preparada para o casamento, para a maternidade e era controlada pelos homens durante toda a vida – de início propriedade do pai, futuramente, do marido. As mulheres tinham como obrigação contrair um casamento que era arranjado pelo pai, ou seja, elas não tinham participação ativa na escolha do seu marido; deveriam cuidar da família, parir filhos homens,

---

<sup>5</sup>Hélène Cixous (2022, p. 49) escreve que “quase toda história da escrita se confunde com a história da razão, da qual ela é ao mesmo tempo o efeito, o suporte, e um dos álibis privilegiados. Ela coincidiu com a tradição falocêntrica. Ela é, aliás, o falocentrismo que se olha, que se satisfaz de si mesmo e se felicita.”

<sup>6</sup>Na *Odisseia*, Telêmaco não só silencia sua mãe como ordena que ela, junto com as servas permaneçam distantes dos homens, realizando tarefas tipicamente femininas: a roca e o tear (Hom., *Od.* I, 356-360).

e serem fiéis aos maridos, recatadas e do lar<sup>7</sup>. A mesma obrigação não era comum aos homens; esses poderiam ser infiéis e deitar-se com suas escravas, cortesãs, ou com prostitutas.

As mulheres eram, pois, propriedade privada de um homem e, portanto, consideradas objetos, coisificadas/reificadas. Sendo propriedade, podiam ser comercializadas<sup>8</sup>: vendidas, compradas, negociadas de todas as formas, inclusive obrigadas à prostituição. As escravizadas, isto é, as não oriundas de famílias livres, tinham uma condição de vida ainda pior; as mais jovens eram abusadas sexualmente por seus donos. Dessa forma, podemos perceber claramente que a cultura da violação do corpo feminino, do abuso sexual, ou seja, do estupro, era um costume cruel e perpetuado nas sociedades antigas – é necessário salientar que, nessa época, a violação do corpo não era compreendida da mesma forma que o compreendemos hoje, como veremos. Ou seja, nosso olhar para os abusos perpetrados contra as mulheres nas narrativas mitológicas é um olhar da contemporaneidade, imbuído de conhecimentos outros que não eram discutidos ou sequer pensados pela sociedade romana da época – questões acerca da subordinação feminina, reificação do corpo feminino, machismo e patriarcado, por exemplo. É preciso ficar claro, no entanto, que, se trata de violência contra a mulher e sua dignidade, mesmo que não se criminalizasse a violação do corpo feminino, ou não se discutisse sobre essas questões nas sociedades antigas.

Na Roma antiga, as mulheres pertenciam ao rol dos bens<sup>9</sup> do *paterfamilias*, assim como os filhos, os escravos, os animais, as propriedades etc, exercendo ele poder sobre tudo e todos. Veyne (1989, p. 49) destaca que a esposa era um “instrumento da função de cidadão e chefe de família.” O casamento por conveniência dos pais, assim como na sociedade grega, acontecia entre uma moça jovem e um homem mais maduro e o objetivo da nova família (da

---

<sup>7</sup> Aquelas que não seguiam as normas ditadas pela sociedade patriarcal eram consideradas subversivas e retratadas pela literatura como um exemplo a não ser seguido. Clitemnestra, Helena, Antígona, Medeia ou Dejanira figuram como exemplos claros de mulheres que não seguiam o padrão esperado e deveriam, portanto, ser execradas; ao passo que Andrômaca e Penélope serviam como exemplo de mulheres fiéis, cuidadoras do lar e da família.

<sup>8</sup> Lerner (2019) explica como provavelmente ocorreu a coisificação da mulher durante o processo de mudança de uma sociedade primitiva de caçadores-coletores, passando pelo modelo de sociedade de horticultura até se chegar ao desenvolvimento da agricultura. Para a historiadora, ao apontar alguns argumentos de Meillassoux, a cultura do guerreiro nasce com o roubo de mulheres de tribos rivais que passavam a ser protegidas pelos homens ou pela tribo. Consequentemente eram tratadas como coisas - reificadas - porque foram conquistadas e protegidas pelos homens. O rapto das mulheres ocorria pelo simples fato de que elas que detinham o potencial reprodutivo, garantindo não só a sobrevivência da tribo, assim como filhos que serviriam de mão-de-obra nas lavouras. Portanto, de acordo com Lerner (2019, p. 80), “homens não geram bebês diretamente; assim, as mulheres, não os homens, é que são comercializadas.” Dessa forma, ainda segundo a historiadora, os homens mais velhos “controlam o comércio de mulheres, impõem restrições sobre o seu comportamento sexual e obtêm propriedade privada delas.”

<sup>9</sup> Elas pertenciam ao grupo dos animais falantes (Funari, 2006).

mulher, na verdade) era a procriação: a mulher fazia filhos para aumentar o patrimônio da família.<sup>10</sup> A educação também excluía as meninas; a elas era reservado o serviço doméstico de cuidado com a casa e com os filhos. Os meninos aprendiam a ler e a escrever, além do treinamento militar que se iniciava cedo. A exclusão das meninas da educação e a obrigação ao serviço doméstico contribuiu, sobremaneira, não só para instituir o que é ‘específico’ de cada gênero, assim como de reforçar a relação de poder do masculino sobre o feminino que se pode encontrar na sociedade antiga e, sobretudo, em muitas obras literárias, por exemplo. Nos dias atuais, em pleno século XXI, mesmo com todos os movimentos feministas que buscam pela equidade de gênero, é possível perceber que ainda há uma divisão social de atribuições típicas para cada gênero (Scott, 2019). E como o que é atribuído às mulheres é sempre algo considerado inferior e desvalorizado socialmente, surge, então, a supremacia masculina, a opressão e o poder do homem sobre a mulher, chancelados pela sociedade e perpetuados por gerações.

Assim, temos um panorama resumido da vida das mulheres na antiguidade que se perpetua por meio das narrativas até os nossos dias e, de certa forma e guardadas as devidas proporções, encontramos vários exemplos desses casos na nossa sociedade contemporânea. Mulheres não precisam ser escravas para serem estupradas; embora sejam independentes financeiramente, têm um marido que controla seu dinheiro; em muitos casos, são, portanto, ainda reféns de homens que creem veementemente serem donos de suas mulheres – assim são ensinados não só os homens, mas também nós mulheres desde a mais tenra infância.

O gênero feminino passou a receber destaque quando atraiu a atenção de historiadores e historiadoras interessados em conhecer as experiências de homens e mulheres, garantindo destaque a elas que por tanto tempo passaram despercebidas, retirando-as do espaço de invisibilidade (Perrot, 2017). Pesquisadores se interessaram em construir a história das mulheres enquanto sujeitos ativos, questionando sua posição de confinamento ao espaço do lar, definindo o gênero como categoria de análise histórica (Scott, 2019; Matos, 2009).

Dar visibilidade ao papel feminino em uma sociedade patriarcal é muito importante, principalmente não só porque as condições de vida das mulheres estão atreladas a sua posição

---

<sup>10</sup>É interessante pensar que ‘às mulheres está reservada a tarefa de reproduzir’ não é um pensamento exclusivo da sociedade greco-romana. Percebemos que, séculos depois, as mulheres ainda são consideradas máquinas de reprodução, conforme ressalta Federici (2017, pp. 170-171): “Em meados do século XVI, a ideia de que a quantidade de cidadãos determinava a riqueza de uma nação havia se tornado algo parecido a um axioma social [...] As mulheres são “necessárias para produzir o crescimento da raça humana”, reconheceu Lutero, refletindo que “quaisquer que sejam suas debilidades, as mulheres possuem uma virtude que anula todas elas: possuem um útero e podem dar à luz.” (King apud Federici, 2017, p. 171)

social, assim como a violência praticada contra elas. E, para se tentar findar o domínio masculino sobre o feminino é mais do que necessário dar destaque à história dessas mulheres (Aronovich, 2019).

Uma das formas mais cruéis de opressão está atrelada à violência de gênero praticada contra as mulheres, sobretudo em relação ao seu corpo. Como a mulher era propriedade do homem, era considerada um objeto, não tinha poder sobre o seu próprio corpo – manter-se virgem, por exemplo, era uma obsessão familiar e social. O estupro era uma prática recorrente (diz-se que aceita) nas sociedades antigas. Perrot (2017) conta que se uma mulher fosse estuprada ela era suspeita de ser uma mulher fácil; se tivesse sido estuprada por muitos homens, nenhum homem a queria como esposa. Uma vez desonrada, estava destinada à prostituição. No caso de ter sido estuprada por um único homem, era ela julgada como complacente. Ou seja, em todos os casos, além da violência sofrida, ela era culpabilizada, de alguma forma, pela agressão. Lerner (2019, p. 116) ressalta que “mulheres, sob o controle do patriarcado, não dispõem de si nem decidem por si mesmas. Seus corpos e serviços sexuais estão à disposição de seu grupo de parentes, maridos, pais”.

Tomando o mito como modelo exemplar ao homem de todos os seus atos, trazemos à tona duas narrativas que tratam especificamente sobre um tema que coloca a mulher em uma posição de subalternidade em relação ao homem, numa posição de submissão, por meio de um ato praticado contra a sua vontade: a violência sexual, o estupro<sup>11</sup>. As duas narrativas mitológicas que se referem ao estupro sofrido por Medusa e ao sofrido por Filomela nos servem de base para tratar acerca de tema de grande importância no tocante à posição da mulher não só na sociedade greco-romana antiga, mas, sobretudo, na sociedade atual. Vejamos, pois, como ocorrem as violações dos corpos de Medusa e Filomela, nas narrativas mitológicas que compõem a obra *Metamorfoses* de Ovídio.

### **A violação do corpo feminino: o estupro de Medusa e de Filomela**

Alguns fatos históricos nos servem de exemplo de casos de violência sexual praticada contra a mulher na Roma Antiga. Tais fatos encontram-se também em obras literárias clássicas e é por meio delas que eles foram preservados e chegaram até os nossos dias. O

---

<sup>11</sup>Mesmo que de forma implícita, o abuso sexual de mulheres tornadas cativas perpassa as narrativas mitológicas. Citamos, a título de exemplo, as mulheres troianas sorteadas pelos homens gregos (Sêneca, *Tr.* 57-58); Iole e as virgens ecálias levadas para Traquine (Sêneca, *HO*, 207-224); Andrômaca (Homero, *Il.* VI 460-465).

estupro era prática recorrente na sociedade romana e fez parte de eventos importantes da história desse povo. No mito acerca da fundação de Roma, podemos perceber um provável caso de estupro da virgem vestal Réia Sílvia por Marte, dando origem aos gêmeos Rômulo e Remo.

O povoamento de Roma ocorre por meio do rapto das mulheres sabinas: preocupado com a escassez da população de Roma, Rômulo organizou os Jogos em honra a Netuno, convidando também o povo Sabino para participar dos jogos. Os homens sabinos foram com suas mulheres e estas foram raptadas pelo bando de homens de Rômulo. Não se fala de estupro, nesse episódio, mas, se as mulheres foram raptadas, ou seja, levadas contra a sua vontade, é muito provável terem sido estupradas pelos homens romanos, uma vez que eram consideradas suas presas nupciais (Ov., A.A. I, 125). Ovídio dedica um espaço em sua *Arte de Amar* ao episódio acerca do Rapto das Sabinas; uma descrição surpreendente que expõe de forma espantosa o momento em que o bando de homens de Rômulo ataca as mulheres sabinas que ouviam um flautista etrusco tocar, um retrato horrendo da brutalidade masculina:

o rei deu a sua gente o sinal aguardado para **avançar sobre a sua presa**;  
logo eles avançam e desvendam, com seus gritos, o que lhes vai na alma  
e **às donzelas lançam as mãos ardentes de desejo**.

Tal como foge às águias um bando apavorado de pombas,  
tal como foge a ovelha, ainda bebê, ao avistar os lobos,  
assim se encheram elas de pavor diante dos guerreiros, em corrida  
desordenada;  
nenhuma logrou conservar a cor que antes trazia no rosto;  
em verdade, era um só, **apenas o medo**, mas não apenas um o rosto do  
medo.

Umam arrancam os cabelos, outras ali ficam, sem se mexer desfalecidas;  
uma cai em silêncio triste, outra em vão grita por sua mãe;  
esta solta queixumes, aquela fica transida de espanto, outra queda-se imóvel,  
outra, ainda, desata a fugir.

**Assim são raptadas as jovens e feitas presa nupcial;**<sup>12</sup> (Ov., A.A. I, 114-125)  
[Grifos nossos]

Nesses poucos versos da obra ovidiana, o retrato da brutalidade masculina é muito significativo e revela-se como o reflexo de uma sociedade patriarcal na qual as mulheres, reificadas, são consideradas presas sobre as quais podem-se lançar os ardentes de desejo, serem raptadas e terem seus corpos violados.

<sup>12</sup> Tradução Márcio Meirelles Gouvêa Júnior.

Outro exemplo de violência contra o corpo feminino de que se tem notícia é o estupro de Lucrecia, mais um fato histórico importante na história de Roma em que o estupro se faz presente. Lucrecia fora estuprada por Sexto Tarquínio, filho do rei Tarquínio, o Soberbo (Ov., *F. II*, 721-856; Beard, 2017, pp. 119-120) e comete suicídio depois de contar o ocorrido ao marido e ao pai. Politicamente, o *stuprum uiolentum* de Lucrecia marca o fim da monarquia romana, uma vez que o rei Tarquínio foi expulso por Brutus (Lucius Junius Brutus) após a morte dela, libertando os romanos do regime monárquico. Percebemos, com esses dois fatos, a violência sexual contra a mulher dando início e fim ao período da monarquia, em Roma.

A tentativa de estupro de Virgínia por Ápio Cláudio configura-se como outro episódio de violência contra o corpo feminino. No caso de Virgínia, o (a tentativa de) estupro não foi consumado, pois ela foi morta por seu pai antes que fosse violada. A justificativa dele ao assassiná-la foi “Estou libertando você, minha filha, do único jeito que posso.” (Beard, 2017, p. 147). Esse episódio resultou na abolição do segundo conselho de *decemviri* (também conhecido como os Dez Tarquínios).

Muitos são os episódios que retratam a violação do corpo feminino nas narrativas mitológicas greco-romanas; nos interessam, nesse momento, apenas dois episódios: o de Medusa e o de Filomela. Vejamos como eles são apresentados.

Em sua obra *Metamorfoses*, mais precisamente no livro IV, Ovídio traz à tona o estupro sofrido por Medusa, através da voz do assassino da Górgona, Perseu (Ov., *Met. IV*, 793-803). A violência sofrida por Medusa só aparece na narrativa, nos versos finais, quando um dos nobres que participa do jantar, no qual são narradas as aventuras vividas por Perseu, indaga sobre o fato de Medusa ter serpentes em sua cabeça. É o próprio Perseu que lhe conta sobre a tragédia vivenciada por ela:

Já que queres saber algo digno  
de ser contado, ouve a razão. Medusa fora de **beleza radiosa**,  
esperança e motivo de disputa para pretendentes sem conta,  
mas nada nela era mais admirável do que os seus cabelos.  
Eu cheguei a conhecer alguém que me dizia tê-la visto.  
Um dia, dizem, o senhor dos mares **desflorou-a**<sup>13</sup> no templo  
de Minerva: a filha de Júpiter voltou-se para trás e tapou  
o casto olhar com a égide. E para que tal **não ficasse impune**,

<sup>13</sup>A escolha de Paulo Farmhouse Alberto pelo verbo ‘desflorar’ se configura como um eufemismo, uma vez que o termo correto deveria ser ‘estuprar’, ‘violar’, ou ‘violentar’, pois eles contemplariam o sentido da ação sofrida por Medusa. Domingos Lucas Dias (2017) escolhe traduzir o verbo *uitio* como ‘desonrar’. Michael von Albrecht, tradutor alemão, usa o vocábulo ‘schänden’ (violentar) na sua tradução, o que nos parece o mais adequado tendo em vista a situação de Medusa.

transformou os cabelos da Górgone em asquerosas cobras. (Ov., *Met.* IV, 793-801) [Grifos nossos]

Primeiramente, precisamos salientar um ponto importante na narrativa que nos chama à atenção que é o fato de Perseu se referir ao estupro de Medusa como “algo digno de ser contado”. Mesmo que não emita nenhum juízo de valor acerca do ocorrido, sabemos que ele é o herói que, com o auxílio de Minerva, mata Medusa, a única mortal das Górgonas. Diante dessa informação, inferimos que pode haver, no seu discurso, um tom de sarcasmo ao relatar a barbárie acerca do estupro e mudança da aparência física de Medusa. Além disso, é grotesco que um crime tão horrendo seja classificado como algo digno de ser narrado.

Outros pontos importantes precisam ser destacados: 1) a narrativa acerca do estupro de Medusa não nos parece ter destaque, uma vez que a ela são despendidos poucos versos, no final da narração, e cuja motivação para dela se tratar está atrelada à curiosidade de um dos participantes do jantar. Embora seja curto o relato, ele não passa despercebido e impacta o leitor atento; 2) a beleza de Medusa é ressaltada de modo que nos leva a supor que é ela a causadora da violência sofrida pela personagem; 3) ambas as traduções em língua portuguesa do texto ovidiano nos apresentam um eufemismo para o termo estupro: ‘desflorar’ e ‘desonrar’; 4) Medusa sofre o estupro e é punida por Minerva, reforçando a rivalidade feminina; 5) Nunca se cogitou a possibilidade de punição pelo crime cometido, sequer um ato de repúdio pelo crime.

Os versos 794-795 apontam para o motivo pelo qual Medusa foi estuprada: a sua beleza era motivo de atrito entre vários pretendentes. Um ponto importante destacado é a beleza de Medusa que atraía os olhares masculinos sedentos por possuir o corpo da virgem, nos levando a compreender que a causa para a violação do corpo da jovem, ou seja, o que justifica o assédio e o crime, é a aparência física da mulher. Uma das versões sobre o mito de Medusa conta que ela e Minerva/Atena disputavam a atenção afetiva de Júpiter/Zeus que, encantado pela beleza da jovem, ignora a deusa. Em ambas as versões, há um elemento preponderante que é a causa da desgraça de Medusa: a sua beleza. Por causa dela será violada por Netuno/Poseidon; por causa dela será amaldiçoada por Minerva/Atena. Dessa forma, Medusa sairia do papel de vítima e seria colocada no papel de sedutora, culpada por despertar o desejo de Netuno/Poseidon, o que é naturalizado numa civilização da culpa, na qual as mulheres são treinadas a sentir culpa (Saffioti, 2015).

Wolf (1992), ao tratar acerca do mito da beleza, traz à tona a questão que se refere à aparência das mulheres como motivação para serem assediadas, perseguidas, atacadas e estupradas. De acordo com a autora americana, “a aparência das mulheres é usada para justificar o fato de elas serem molestadas bem como o de serem demitidas, o que os trajes das mulheres tentam dizer é interpretado erroneamente de forma contínua e deliberada” (Wolf, 1992, p. 58). O que se compreende é que as mulheres deixam de ocupar o lugar de vítima e passam a ocupar o lugar de causadoras de seu próprio infortúnio, pois a sua beleza despertou o desejo de um homem. Nesse sentido, concordamos com Noguera (2017, p. 43) ao afirmar que “o uso da força estaria, então, plenamente justificado pelo argumento de que a mulher deveria ser punida por despertar o desejo voraz do homem.”

Quem nunca ouviu o primeiro julgamento quando se trata de crime de estupro: “com essa roupa, ela está pedindo para ser estuprada”? Essa afirmação, por si só já é incriminadora, coloca a vítima imediatamente na posição de réu, como culpada pelo crime sofrido por ela pelo simples fato de estar vestida conforme sua vontade. Wolf (1992, p. 55) nos apresenta números alarmantes sobre mulheres molestadas em seus empregos:

uma pesquisa *Redbook* revelou que 88% das pesquisadas haviam sido molestadas sexualmente no emprego. Na Grã-Bretanha, 86% das gerentes e 66% das empregadas tinham se deparado com essa situação. O service public britânico descobriu que 70% das pesquisadas haviam passado pela experiência. Dezesete por cento das mulheres sindicalizadas na Suécia foram molestadas, número este que projeta em todo o país 300.000 suecas vítimas de assédios sexuais.

Esses numerosos são estarrecedores e mais estarrecedor ainda é ter o conhecimento de que as mulheres violentadas se sentiam culpadas pelas violações sofridas; elas sentiam culpa ou por acharem que sua roupa não estava adequada ou por acreditarem que não tinham domínio sobre sua aparência. Além disso, outra pesquisa mencionada por Wolf (1992) apontou para o fato de que as vítimas, mulheres que sofriam assédio sexual, raramente se encontravam em posição de exigir que o molestador parasse. Em um dos casos, ocorrido nos Estados Unidos, a vítima abriu processo contra o seu chefe, que a molestava sexualmente. O tribunal local isentou o chefe do crime, sustentando que a aparência da mulher a prejudicava, uma vez que ela era bonita e se vestia bem. A decisão se deu depois de ouvir depoimento que fazia menção a ‘trajes provocantes’, levando o tribunal a concordar e decidir que ela ‘aceitava’ o assédio (Wolf, 1992). Se transpusermos essa situação para o caso de Medusa,

percebemos que a sua beleza, tão ressaltada pelo narrador, pode ser o motivo para a violação do seu corpo, colocando a vítima mais uma vez na condição de culpada pelo crime cometido contra ela.

Um fato estranho, que chama à atenção, mas é impressionantemente comum: nunca, em hipótese alguma, em alguma narrativa mitológica, o assediador-estuprador-criminoso é ao menos questionado acerca do seu ato horrendo. No estupro de Medusa, por exemplo, nada se fala ou contesta acerca do abusador, nem mesmo seu nome, Netuno/Poseidon é citado, mas apenas o fato de ser o *pelagi rector* (“senhor dos mares”, na tradução de Alberto, 2010; e “Rei do Mar”, na tradução de Dias, 2017) – muito provavelmente como forma de ressaltar e reforçar a autoridade, amedrontar e intimidar, informando que se trata de um deus e, portanto, um ser todo poderoso.

Era de conhecimento de todos que Medusa não poderia contrair casamento com nenhum homem, pois era sacerdotisa de Minerva/Atena e, portanto, deveria permanecer virgem. Netuno/Poseidon violenta Medusa no templo da deusa que, movida pelo ciúme e pela raiva, pune Medusa, num ato que representa não só falta de acolhimento e sororidade, assim como reforça a perpetuação da rivalidade feminina, evidenciando que “a lógica da beleza insiste que as mulheres considerem umas às outras como possíveis adversárias até descobrirem que são amigas (Wolf, 1992, p. 98), alertando para o fato de que “as mulheres são treinadas para serem rivais de todas as outras no que diz respeito à ‘beleza’”. (Wolf, 1992, p. 99). E, na nossa sociedade patriarcal, todas nós estamos fadadas ao controle e à dominação exercidos pelo conceito que se tem acerca da beleza.

A beleza de Filomela também será o componente principal de sua desgraça: “deslumbrante na sua magnificência e mais deslumbrante em sua beleza, / surge Filomela” (Ov., *Met.* VI, 451-452). A pedido de sua esposa Procne, Tereu parte para Cécrops para buscar a bela e virgem Filomela; ao vê-la deslumbrante se apaixona por ela e “contempla-a e devora-a com os olhos” (Ov., *Met.* VI, 478). O pai da bela jovem confia a sua filha a Tereu para que ele a leve até sua irmã Procne. Porém, tomado de lascívia, Tereu se prepara para violar Filomela, o objeto dos seus desejos:

“Consegui! Levo comigo o **objeto** dos meus desejos!”  
Exulta de alegria e é com dificuldade que o bárbaro  
adia em seu espírito o gozo e dela não desvia os olhos nunca,  
exatamente como quando a predadora ave de Júpiter  
depõe com suas aduncas garras em seu alto ninho uma lebre.

**Para a presa não há fuga. O raptor contempla a presa.**

Concluída a travessia, tinham já descido das exaustas naus para a praia, quando o rei leva consigo para um fundo estábulo escondido numa floresta antiga a filha de Pândion.

**Pálida, assustada, tudo tremendo e perguntando,**

já entre lágrimas, onde pode estar a irmã, aí a encerra e, confessando seu crime, **viola-a**, a ela, virgem e só, que **em vão grita repetidas vezes** pelo pai, grita pela irmã, mas grita sobretudo pelos deuses todo-poderosos.<sup>14</sup> (Ov., *Met.* VI, 513-526) [Grifos nossos]

A obra *Metamorfoses*, em que consta mais esse episódio de violação do corpo de Filomela, foi escrita no século 8 d.C., e o mais impressionante é que o *modus operandi* do criminoso se manteve ao longo de séculos. A mulher é considerada como objeto, como presa, impossibilitada de fugir, sente medo e desespero, grita, é violada, se sente suja e muitas vezes culpada pela violência que acabara de sofrer. A narrativa do estupro de Filomela se assemelha com as muitas histórias sobre violência sexual vivenciadas por mulheres diariamente nos dias de hoje. Ana Paula Araújo, jornalista brasileira, apresenta em seu livro *Abuso* muitos relatos de mulheres que sofreram abuso sexual, no Brasil. Concordamos com Araújo (2020), em sua pesquisa sobre a cultura do estupro no Brasil, ao assegurar que, no caso da violência sexual, há uma necessidade de demonstração de poder, ou seja, “o maior prazer do estuprador é a dominação, que é feita por intermédio do sexo, o que deixa até o prazer com o ato em si em segundo plano.” (Araújo, 2020, p. 69). A maioria dos casos de violência sexual contra as mulheres ocorre de maneira covarde, uma vez que o abusador é mais forte e pode dominar fisicamente com facilidade, o que corrobora a assertiva de que se trata de demonstração de poder e domínio sobre o outro: domínio do homem sobre a mulher. Além disso, em sua grande maioria, o abusador faz parte do convívio da vítima e é, pois, de sua confiança – no mito de Filomela, é clara essa relação, ela estava sob a ‘proteção’ do cunhado Tereu.

Acerca da violação do corpo, na Antiguidade, é preciso ressaltar que ela se constituía como crime de *stuprum* (estupro), independente do gênero e se houve ou não consentimento. O vocábulo *stuprum* estava originalmente ligado à *turpitude* (desonra, vergonha), uma vez que era essa a consequência gerada pelos atos sexuais reprováveis socialmente (atos sexuais violentos, homoeróticos, incesto etc.). Além disso, o termo *stuprum* estava também relacionado a *adulterium* (adultério), embora existisse uma diferença jurídica entre eles (Canela, 2012). É importante ressaltar que *stuprum* não tinha o mesmo sentido da palavra

---

<sup>14</sup> Tradução de Domingos Lucas Dias.

‘estupro’ que utilizamos hoje, embora esta seja derivada daquela. Segundo Harris (apud Canela, 2012, p. 68), os romanos “utilizavam palavras como ‘*stuprum*’ e ‘*vis*’ para fazer referência à violência carnal, mas cada uma dessas palavras latinas possuía um campo semântico maior.” Costumava-se indicar, por meio de fontes literárias, que o *stuprum* era violento ao mencionar a expressão ‘*per vim*’ (por meio da força). O que ocorre é que o *stuprum uiolentum* não recebia devida repressão no direito romano, conforme atesta Canela (2012, p. 29). Ainda segundo a pesquisadora, alguns poucos textos literários é que servem de fonte da indicação de aplicação de penas severas contra homens que praticavam o *stuprum uiolentum* contra as matronas, consideradas mulheres honestas e de família. Ou seja, nos parece que a punição de crime de violação do corpo de uma mulher só seria punido se ela pertencesse ao *status* de *materfamilias*, de modo a garantir a sua honra; às outras mulheres esse direito não era estendido.

A partir do testemunho encontrado em alguns textos literários que tratam do estupro, é possível perceber que esse tipo de violência sexual contra as mulheres parecia ser uma prática condenada pela sociedade romana, haja vista as consequências decorrentes do estupro de Lucrecia e de Virgínia: a substituição da Monarquia pela República e o abandono do decenvirato, respectivamente. No entanto, conforme Lucrezi (apud Canela, 2012) atesta, não há relato de punição de nenhum homem que houvesse praticado violência sexual contra uma mulher; muito pelo contrário, o que há são indícios de que as mulheres eram consideradas culpadas e, muitas vezes, castigadas, uma vez que eram consideradas culpadas pelo estupro. Canela (2012), por sua vez, afirma que esse tipo de crime era severamente punido; para a pesquisadora, “o que ocorre é a escassez de fontes jurídicas sobre o tema e a ausência de elementos para a construção de uma disciplina sistemática desse crime” (Canela, 2012, p. 29).

Contudo, o que podemos observar, tanto no episódio de violação de Medusa quanto no de Filomela é que, diante de um crime de violência sexual, sobretudo o estupro (*stuprum uiolentum*), não houve nenhum julgamento do homem que praticou tal crime. O que ocorre, em algumas narrativas, é a culpabilidade da mulher, ou seja, ela passa de vítima do *stuprum uiolentum* a ré – por exemplo, no mito de Leucótoe (Ov., *Met.* IV, 214-255) em que ela é estuprada por Febo e, como punição, é enterrada viva pelo pai; assim como no mito de Cênis (Ov., *Met.* XII, 189-209) que é estuprada por Netuno e, depois, transformada em homem de modo que nunca mais possa sofrer tal violência; o estupro de Medusa também nos serve de exemplo de punição da vítima violentada. Nos exemplos citados, identificamos a conclusão a

que chega Rizzelli (apud Canela, 2012): os autores antigos acreditavam que as mulheres provocavam a violência sexual.

Sobre a punição em casos de estupro, é importante mencionar que, na Mesopotâmia, por exemplo, havia leis<sup>15</sup> que tratavam acerca das punições em casos de violação do corpo feminino. No entanto, a mulher vítima de estupro era punida duas vezes: pelo ato violento em si praticado contra a sua vontade e pela desonra que causou ao pai (se virgem) ou ao marido. Como eram os homens que detinham o poder sobre o corpo feminino, eram eles os afetados em caso de estupro.

Lerner (2019), ao citar o parágrafo 55 das Leis Médio-Assírias, nos esclarece acerca do que ocorria com uma virgem que morava na casa do pai em caso de estupro: o pai lesado poderia tomar a esposa do estuprador e transformá-la em prostituta; e dava a sua filha como esposa a ele. Caso o violentador não fosse casado, ele pagaria o valor de uma virgem ao pai, deveria se casar com ela, não sendo permitido o divórcio. Ou seja, a mulher sofria o abuso sexual e ainda era obrigada a se casar com aquele que a violentou. Isso reforça não só a coisificação/reificação do corpo feminino, assim como fortalece a sua dependência absoluta ora do pai, ora do marido, perpetuando o poder do homem sobre a mulher. Se essa lei fosse aplicada aos casos do estupro de Medusa e Filomela, por exemplo, teríamos muito provavelmente a impunidade de Netuno/Poseidon, uma vez que é um deus; e o casamento de Filomela com Tereu que, além de violentá-la sexualmente, a mutila arrancando sua língua para que não tenha condições de relatar o ocorrido. Isto é, ele comete uma crueldade dupla, seguramente confiando na impunidade, uma vez que nada lhe pode ocorrer – se casado, sua esposa pagaria pelo crime, obrigada à prostituição. Em todo caso, deveria se casar com a mulher que estupro – onde estaria então a punição para o crime?

Os exemplos de estupro presentes nos episódios mitológicos de Medusa e Filomela refletem uma estrutura de poder atrelado ao sexismo, sobretudo aquele praticado contra as mulheres. Devido a ele, mulheres vivem em situação de submissão e subalternidade, têm seus corpos reificados e abusados, e são culpabilizadas por todo e qualquer mal que sofrem, saindo do lugar de vítima e assumindo o papel de ré. As mulheres pertencem ao patrimônio dos homens, fazem parte do rol de seus bens, com isso eles dispõem de seus corpos da maneira que desejarem. Ou seja, são os homens que estabelecem o lugar das mulheres em uma

---

<sup>15</sup>O Código de Hamurabi, as Leis Médio-Assírias, e as Leis Hititas.

sociedade e não elas próprias; elas aceitam o que lhes é imposto e não impõem sua própria lei (Beauvoir, 2019).

### **Considerações finais**

As narrativas mitológicas acerca da violação do corpo das personagens míticas Medusa e Filomela nos possibilitam discutir e refletir sobre questões importantes diretamente atreladas à violência contra as mulheres. O texto literário cumpre, portanto, os seus objetivos de fruição, de função político-social de representação da realidade, provoca uma reação catártica no leitor e, por fim, e não menos importante, desempenha um papel relevante de transmissão de conhecimentos, no que diz respeito à sua função cognitiva.

Ao longo do nosso artigo, expusemos a situação das mulheres na Antiguidade Clássica greco-romana, a relação de poder e supremacia do homem em relação às mulheres, que estavam em posição de subalternidade e submissão, o que nos faz concluir que essa posição está diretamente ligada à violência sofrida por elas. Chamamos atenção, também, para algumas questões importantes que, da mesma forma, contribuem sobremaneira para a violência, dentre elas o sexismo ao qual está atrelada a reificação das mulheres.

Os episódios literários através dos quais são retratados os abusos dos corpos de Medusa e de Filomela nos fazem refletir sobre o papel social das mulheres não só na Antiguidade greco-romana, assim como na contemporaneidade, e nos lançam as seguintes questões: quais foram as mudanças que ocorreram no decorrer dos séculos? Mesmo diante de todo conhecimento acerca do sexismo, e dos tipos de violência atrelados a ele, deixaram as mulheres de serem abusadas? As pesquisas nos mostram que não. A violência sexual praticada contra Medusa e contra Filomela ocorre rotineiramente ainda nos dias de hoje e nos aterrorizam a todo o momento. A cultura do estupro se fez presente na Antiguidade e ainda se faz presente na contemporaneidade.

### **REFERÊNCIAS:**

ARAÚJO, Ana Paula. **Abuso**. A cultura do estupro no Brasil. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

ARONOVICH, Lola. Prefácio. IN: LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão as mulheres pelos homens**. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

- BARTES, Roland. **Mitologias**. Tradução Rita Buongiorno; Pedro de Souza; Rejane Janowitz. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- BEARD, Mary. **Mulheres e poder**: um manifesto. Tradução Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- BEARD, Mary. **SPQR**: uma história da Roma Antiga. Tradução Luis Reyes Gil. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2017.
- BAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Vol. 1. Fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet. 5. edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol. III. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CANELA, Kelly C. **O estupro no direito romano**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Tradução Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- DOBLHOFER, Georg. **Vergewaltigung in der Antike**. Stuttgart; Leipzig: Teubner, 1994.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Histoire des femmes em Occident**: l'Antiquité. Paris: Perrin, 2002.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a Bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEITOSA, Lourdes Conde. **Gênero e sexualidade no mundo romano**: a Antiguidade em nossos dias. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 48/49, 2008. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/273025505\\_Genero\\_e\\_Sexualidade\\_no\\_mundo\\_romano\\_a\\_Antiguidade\\_em\\_nossos\\_dias](https://www.researchgate.net/publication/273025505_Genero_e_Sexualidade_no_mundo_romano_a_Antiguidade_em_nossos_dias)
- FUNARI, Pedro P. **Grécia e Roma**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- HOMERO. **Odisseia**. Ed. bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; ensaio de Italo Calvino. São Paulo: Editora 34, 2011.
- HOMERO. **Íliada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. Introdução e apêndices Peter Jones. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.
- MAFRA, Johnny José. Notas sobre mito e mitologia. IN: \_\_\_\_\_. **Cultura Clássica Grega e Latina**: temas fundadores da literatura ocidental. Belo Horizonte: PUC Minas, 2010.

MASSEY, Michael. **As mulheres na Grécia e Roma antigas**. Tradução Maria Candida Cadavez. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1989.

MATOS, Maria Izilda. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. IN: PISCITELLI, A. *et alli* (Orgs.) **Olhares Feministas**. Brasília: Ministério da Educação, 2009. p. 276-289.

NOGUERA, Renato. **Mulheres e Deusas**: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual. 1. edição. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

OVÍDIO. **Fastos**. Tradução Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Cotovia, 2010.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias; apresentação de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

OVÍDIO. **Metamorphosen**. Lateinisch/Deutsch. Übersetzt und herausgegeben von Michel von Albrecht. Stuttgart: Reclam, 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. 2. edição. 5. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. IN: HOLLANDA, Heloisa B. de. (Org.) **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SÊNECA. **As Troianas**. Edição bilingue. Tradução Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: Hucitec, 1997.

SENECA. **Tragedies II**. Edited and translated by John Fitch. Cambridge, Massachusetts, London, England: Harvard University Press, 2004.

SÉNÈQUE. **Tragédies**. Tome III. Texte établi et traduit par François-Régis Chaumartin. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia Antiga**. Tradução Joana Angélica D'Ávila Melo São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

VEYNNE, P. (Org.). **História da vida privada**: do Império Romano ao ano mil. Vol. I. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Data de submissão: 29/10/2023

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267